

## U M A C A R T A

Prezados Camaradas

Acabo de ler, no n.º 10 de «Sol nascente», a crítica do Sr. Eduardo Braga ao meu folheto sobre *Cultura e Bibliotecas*. E porque nela se contém algumas inexactidões, permitam-me que as esclareça.

Tal como tem acontecido com outras pessoas, o sr. E. B. confunde-me com meu Pai, Director da Biblioteca Municipal de Coimbra, que costuma assinar *J. Pinto Loureiro*. Em consequência desta confusão facilmente explicável, chama-me bibliotecário, quando o não sou; e, pondo «a franqueza acima de tudo»—como êle próprio diz,—acusa-me (acusa o meu Pai...) de não ter tido, «a pequena coragem de meter» em *Cultura e Bibliotecas*,

«o necessário, o indispensável subtítulo: «Conselhos aos bibliotecários portugueses».

Com os meus vinte anos, e para mais não pertencendo à profissão, creio que seria petulância vã meter-me a dar conselhos aos bibliotecários portugueses. Isto é evidente. Por isso é que a acusação do sr. E. B. só pôde apreciar-se tomando-a como baseada na suposição de que o autor de *Cultura e Bibliotecas* seria «o bibliotecário comíbricense» *J. Pinto Loureiro*. Ora, julgo que mesmo nesta hipótese a acusação do sr. E. B. é menos justa. Na verdade, depois de meu Pai numa série de artigos em «O Diabo», ter encarado o problema bibliotecário português com a

maior independência, afigura-se-me um despropósito acusá-lo de falta de coragem por não acrescentar um agressivo sub-título, que o sr. E. B. reputa «indispensável».

Em defesa da leitura *auto-dirigida*, da leitura orientada pelo leitor em consideração dos fins culturais que se propõe, poderia ainda fazer alguns reparos à «trogodítica opinião» do sr. E. B.; receio, porém, roubar mais espaço ao vosso excelente quinzenário.

Agradecendo antecipadamente a publicação desta carta, subscrevo-me, com toda a consideração, leitor assíduo de *Sol nascente*

Coimbra, 19 de Junho de 1937.

FERNANDO PINTO LOUREIRO

capção da vida, os que, como Montaigne ou Erasmo, viviam quasi isolados de uma e de outro, na serenidade da sua tertúlia de latinistas ou da sua biblioteca de fantasmas. De aqui, para o lusitano, relativamente à Igreja, a aceitação em bloco da dogmática que havia animado ao proselitismo e com que se identificavam as tradições inspiradoras da vida colectiva. E de aqui, relativamente à pátria, o empenho de a manter batalhadora, fronteira como era na luta secular entre a Cruz e o Crescente:

*Destrúa-se aquela terra  
de perros arrenegados.*

Nos autos vicentinos faz-se, como nos *Lusiadas*, a exaltação dos que no Ultramar se batem pela fé. No *Auto da Fama*, a figura feminina da *Fama* não se dá ao espanhol, nem ao italiano, nem ao francês. Dá-se ao português,

*Porque sus victorias son  
Muy lejos y por la fé.*

E na *Barca do Inferno*, o diabo irreverente só poupa às suas facécias os cavaleiros de Deus:

*Santos por certo sem falha,  
Que quem morre em tal batalha  
Merece paz eternal.*

E' preciso que Portugal, em luta com o turco, se mantenha o *Alferes da Fé*. Para isso lhe faz a *Exortação da Guerra*.

Mas se Gil Vicente apostolava a guerra contra o infiel e exaltava os seus heróis, era de humaníssima tolerância para com os inimigos da fé que por armas a não hostilizavam.

Nada melhor o exprime do que a *Carta* em que êle comunica a D. João III o sucedido em Santarém, por ocasião do tremor de terra de 1531, interessantíssimo documento a um tempo expressivo da superioridade do seu prestígio e da superioridade do seu espirito.

Prégavam os frades imprudentemente que o cataclismo era devido aos pecados dos homens, um dos quais a tolerância com os judeus, e anunciavam outro terramoto para um dia e hora que precisavam. Gil Vicente indigna-se contra o estúpido atear de cóleras fanáticas—e vai ao convento prégar aos frades—o que deles devia ouvir... Diz-lhes que o terramoto é um acontecimento que *procedia da natureza dum mundo criado por Deus, «todo sem repouso e*

*sem firmeza certa, sem prazer seguro, sem fausto permanente, todo breve, todo fraco, todo falho, temeroso, aborrecido, cansado, imperfeito, para que por estes contrários sejam conhecidas as perfeições e glória do outro».*

E depois de assim, com o espirito científico possível à sua educação, filiar o caso particular na lei geral, integrar o fenómeno na natureza do mundo, ei-lo que repreende os frades, porque tam em opposição às proibições terminantes de Deus, se atrevem a fazer profecias. *Prégar não é praguejar—diz-lhes. Há muitos pecados no reino? Mas também há muitas obras pias. A própria tolerância pelos inimigos de fé constitue uma delas, «pois parece mais justa virtude aos servos de Deus e seus prégadores animar a estes, confessá-los e provocá-los, (chamá-los) que escandalizá-los e corrê-los, por contentar a desvairada opinião do vulgo».*

Ao contrário de Erasmo, que se delectava com a diversidade do mundo, ao contrário de Montaigne que duvidava da superioridade da civilização cristã sobre a própria vida das selvas, Gil Vicente aspira, como cristão, à uniformização do mundo no respeito da mesma fé. Mas repelia o meio bárbaro de a obter pela eliminação dos infieis, antes procurando se levasse a efeito pela insinuação do exemplo e do apostolado.

Mas isto é a atitude expressiva de uma generosidade humaníssima, que a cada passo a sua obra exemplifica.

Já repararam que os diabos de Gil Vicente, minuciosos na revelação dos defeitos e fraquezas de todos—lavradores ou proxenetes, frades ou papas, duques ou imperadores—não conseguem arrastar ninguém ao Inferno, onde, todavia, Dante se comprazia em imaginar torturas para seus inimigos políticos?

E' que, em face das fraquezas da carne, o que tem mais presente no seu espirito é a lição de Job, que tam eloquentemente parafraseia:

*Senhor, homem de mulher nascido  
Muyto breve tempo vive miserando  
e como flor se vai acabando  
e como a sombra será consumido.  
Pois porque, Senhor,  
estimes tu cousa de bayxo valor,  
para trazê-lo a juizo, contigo...?*

Todos os pecadores, portanto, obtêm, depois das angústias da incerteza, o largo perdão por que se exprime, não apenas a bondade essencial da doutrina, mas a essencial bondade da alma que assim a interpretava.